

AS INTERSECÇÕES NA REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM O AVESSO DA PELE E O BEIJO NA PAREDE

Havilla Cristina Costa da Silva¹

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, Bacabal, MA, Brasil

Rubenil da Silva Oliveira²

Universidade Federal do Maranhão, UFMA, Bacabal, MA, Brasil

Resumo: As obras analisadas apontam a realidade das mulheres que diariamente convivem com as convergências das formas de estereótipos, opressão e violência. Este trabalho abrangerá as cidadãs negras e brancas pobres, podendo assim perceber que, além da questão racial, há também a problemática da classe social em que essas estão inseridas, o que as colocará em uma situação de marginalização. Dessa forma, apresenta-se, a condição da mulher na sociedade brasileira contemporânea, as questões que permeiam a mulher negra nas narrativas, como os abusos e a relação entre gênero e classe, demonstrando a condição das mulheres periféricas negras e brancas. Para isso, a pesquisa realizada foi bibliográfica e descritiva a partir da leitura de Davis (2016), Gonzalez (2020), Saffioti (2015), entre outros. Ao fim, recomendamos encaminhamentos futuros.

Palavras-chave: Mulher; Raça; Jeferson Tenório.

Title: The intersections in the representation of women on The flipside of skin and The kiss on the wall

Abstract: The works analyzed point to the reality of women who daily live with the convergence of forms of stereotypes, oppression and violence. This paper will cover poor black and white citizens, thus being able to perceive that in addition to the racial issue, there is also the social class problematic in which they are inserted, which will place them in a situation of marginalization. Following this, we present the condition of women in contemporary Brazilian society, as well as the issues that permeate black women in the narratives, such as abuse and the relationship between gender and class, demonstrating the condition of peripheral black and white women. For this purpose, the research carried out was bibliographic and descriptive based on the reading of Davis (2016), Gonzalez (2020), Saffioti (2015), among others. Lastly, we recommend future referrals.

Keywords: Woman; Race; Jeferson Tenório.

¹ Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6386-2179>. E-mail: havyllacosta7@gmail.com.

² Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9846-4695>. E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com/rubenil.oliveira@ufma.br.

Introdução

Escritos por Jeferson Tenório, os romances contemporâneos *O avesso da pele* (2020) e *O beijo na parede* (2020), ambientados em Porto Alegre – RS são narrados por dois narradores-personagens, sendo, respectivamente, um contando as memórias do pai – Pedro – e o outro, as suas próprias memórias – João. As histórias, apesar de trilharem caminhos diversos pela diferença de idade, contexto social e problemas ocorridos, interseccionam-se em várias perspectivas, como a da representação feminina dentro do espaço sulista.

Em *O avesso da pele*, por exemplo, é possível perceber a representação dos abusos e assédios vivenciados pela mulher negra, nos casos de Martha e Luara, além das violências sexuais e físicas a que essas mulheres estão submetidas. Além disso, é possível notar a comparação entre a mulher branca como esse “salvo-conduto” do homem negro dentro de um relacionamento inter-racial, conforme apresentado no relacionamento de Juliana e Henrique.

Já em *O beijo na parede*, as personagens não são especificamente caracterizadas como no outro romance. Nessa obra, há várias mulheres, mas são especificadas pela classe social e empregos, como a prostituição; Estela, Dinorah e a travesti Verônica, e também seus problemas psiquiátricos. A única mulher especificada como negra é a mãe do protagonista e narrador, João. A mãe, inclusive, não tem seu nome mencionado e, com um câncer na cabeça, somado às diversas dificuldades de acesso à saúde e de uma vida dolorosa com um marido alcoólatra, acaba perdendo a memória e posteriormente falecendo.

Logo, esta pesquisa se mostra relevante e justificável por abordar, dentro dos estudos da Literatura e Sociedade, uma relação com o contexto social já aqui mencionado e com esse grupo social marginalizado. Além disso, com uma base nos estudos pós-coloniais, este trabalho buscou ressignificar a história da mulher brasileira, desconstruindo as tipificações sobre esse gênero nos contextos urbanos que advêm desde a colonização.

A problemática aqui observada é o fato de o Brasil estar inserido em uma cultura fundamentada em referências colonizadoras, reafirmadas pela mídia, meios de ensino e discursos sociais. Por isso, a pesquisa aqui realizada objetivou desconstruir a ideia tipificada da mulher brasileira como objeto de realização masculina, como esse ser de fácil subjugação e inferior, além da visão dessa mulher como louca³, que é o que acontece com a mãe de João e dona Dinorah. Assim, compreende-se a contribuição deste estudo no âmbito acadêmico e social por explorar os problemas que concernem seres subalternizados por sua negritude, pobreza e marcas da colonização.

³ De acordo com estudos da área da Psicologia é comum a atribuição desse adjetivo para mulheres que tomam atitudes como a de questionar, duvidar. Elas são inviabilizadas e seus comportamentos e sentimentos têm sua validade questionada ou mesmo completamente desmerecidas. O que difere da forma que o homem é visto quando têm as mesmas ações.

A condição da mulher na sociedade brasileira contemporânea

A mulher brasileira, desde a colonização, passa por situações que a inferiorizam, violentam, colocam-na como louca e a tipificam de uma forma sexualizada, no caso da mulher negra, e da virgem pura, no caso da branca. Um fato que se destaca além da condição de gênero é também a problemática de raça e classe, que interfere mais ainda na posição dessa mulher na sociedade.

Por exemplo, Hooks (2019, p. 102) afirma que “em tal sociedade, a mulher que é vista como inferior devido ao seu sexo pode também ser vista como superior devido à sua raça, mesmo numa relação com um homem de outra raça”. Assim, mesmo em uma condição de gênero que inferioriza mulheres negras e brancas, há uma pirâmide social na qual a última ocupa um espaço bem mais privilegiado, sendo assim a raça um símbolo de superioridade.

Além disso, em se tratando de classe, quando há uma mulher branca rica ou de classe média em comparação com uma mulher branca da periferia, a perspectiva que se tem sobre elas é distinta, e as oportunidades também são diferentes – por exemplo, no mercado de trabalho. Por isso, implica-se também a questão de classe, pois, como sintetiza Bell Hooks (2019, p. 104), “apesar da realidade de que as mulheres de classe alta e média na América sofrem discriminação sexista e abuso sexista, elas não são um grupo oprimido como as mulheres brancas pobres, ou negras, ou amarelas”.

Assim, pontua-se a necessidade inicial desta pesquisa, a compreensão e afirmação da subjugação da mulher branca pobre e da mulher negra, estando esta em uma situação ainda mais inferior, como afirmado no excerto abaixo:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão (Gonzalez, 2020, p. 50).

Desse modo, não se trata apenas de uma questão de gênero, mas da somatória de uma questão de raça e de classe para invisibilizar a mulher na sociedade atual. Alguns dos pontos que podem ser observados nessa posição que a mulher socialmente marginalizada ocupa e conseqüentemente sofre são os estereótipos e as violências a que elas estão submetidas e a sua posição no trabalho. A respeito da violência Ritt, Cagliari e Costa (2014, p. 15 *apud* Balisa; David 2017, p. 77) atestam:

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de seu marido.

Essa problemática persiste quando observamos os dados atuais de violência contra a mulher, desde a psicológica até a física, além dos casos de feminicídio, que expressam de forma clara essa construção patriarcal, machista e criminoso do homem como dono da

mulher, seja ela filha, companheira, sobrinha, neta ou amiga. Nas obras literárias que aqui foram trabalhadas, foi possível observar esses problemas tanto dentro de relacionamentos afetivos quanto de ambientes de trabalho, como o que acontece entre Estela e o seu cafetão, em *O beijo na parede*. Pensando nesse contexto de Porto Alegre, é possível relacionar com o que Balisa e David (2017, p. 76) asseguram:

A violência no Brasil tem aumentado e feito milhares de vítimas. Devido ao abandono da vida rural no decorrer dos anos, muitas pessoas têm migrado para a cidade. No entanto, as grandes cidades brasileiras não têm comportado o aumento acelerado da sua população por não possuir uma infraestrutura adequada e que possibilite a todos o acesso digno a emprego, moradia, saúde, educação, entre outros. Desse modo, o crescimento populacional desenfreado tem desencadeado graves problemas sociais. Diariamente, os jornais noticiam o crescimento da violência praticada nos grandes centros do Brasil, que se manifesta de diversas formas e que está causando a morte de inúmeras pessoas.

Em conformidade com os autores, é possível localizar a ambientação das obras aqui trabalhadas, verificando que grandes centros urbanos como Porto Alegre são espaços que abarcam diversas problemáticas sociais por conta das desigualdades, favorecendo, inclusive, os diversos tipos de violência contra a mulher. A respeito dos estereótipos, Stuart Hall (1997) mencionou, a partir da leitura de Richard Dyer (1977), que há uma diferença entre “tipos” e “estereótipos”. Para ele, os “tipos” são as caracterizações que são atribuídas para ajudar a dar significado ao mundo a partir de esquemas classificatórios gerais e não fixos (Hall, 1997). Já ao extremo disso, estão os “estereótipos”, que funcionam através de simplificações exageradas a respeito de algo ou alguém (Hall, 1997).

A partir dessa leitura, compreendeu-se que as manifestações discursivas da nossa sociedade, as quais estereotipam as mulheres com os discursos massivos de “louca”, “sem controle emocional”, “loira burra”, “preta safada e gostosa”, “senhora preta cozinheira” – como a Tia Nastácia –, “fútil”, “doméstica”, “mãe zelosa”, ou que dedica todo seu tempo para a família e, se não faz isso, é “má”, por não querer formar uma família. Além disso, há toda uma problematização quanto à aceitação social da mulher trans e todos os estereótipos que são destinados para desqualificar mulheres transgêneros e travestis, relegando-as sempre ao papel de prostituição. Nesse sentido, Silva (2021, p. 31) menciona:

O sistema patriarcal afetou a forma psicológica com a qual homens e mulheres se enxergam no mundo pelas construções sociais cognitivas. As esferas políticas como esferas de decisão sobre esses mesmos corpos, sobre o que permeia a vida e a sociedade, utiliza o discurso como ferramenta de reprodução e distinção viva de estereótipos sociais sobre a mulher nas sociedades de classes sexuais.

Dessa forma, observou-se que essas construções sociais permanecem ainda no contexto contemporâneo, definindo o que é ser mulher, quais as suas funções e os locais em que elas podem estar, o que adentra, inclusive, no espaço do trabalho. O autor ainda destaca que:

O sistema escravista que mantinha negros como seres sem alma é o mesmo que mantém a mulher como incapaz de estar nos mesmos espaços que o homem. A luta da mulher na sociedade é uma eterna busca por identidade individual e coletiva, pois a construção e reconhecimento de um grupo social enquanto classe se torna ferramenta necessária de empoderamento e luta (Silva, 2021, p. 31).

A partir da perspectiva trabalhista, verificou-se que as desigualdades de gênero ainda estão presentes na contemporaneidade. Isso se nota nos salários desiguais para as mesmas funções, na dificuldade de empregabilidade ou nas demissões sem justa causa de mulheres por conta da possibilidade de engravidar ou por já serem mães. Também se nota nos casos de assédio no ambiente de trabalho, sendo esse moral ou sexual, além do fato de essa dificuldade ser maior quando se trata de mulheres negras e mulheres trans.

Lerner (2019, p. 24) afirma que “homens e mulheres sofreram exclusão e discriminação por razões de classe. Mas nenhum homem foi excluído do registro histórico por causa de seu sexo, embora todas as mulheres o tenham sido”. A partir disso e de uma análise da história e dos aspectos atuais, fica evidente que o “homem” utilizou a mulher desde o princípio como forma de exercer sua opressão, que posteriormente passou a ser utilizada contra o negro. Assim, pode-se notar que nessa relação patriarcal o homem submeteu a mulher à condição de escrava doméstica e sexual, servindo somente para os seus interesses, o que não difere muito da construção social que permanece na atualidade, como veremos a partir da análise dos romances de Jeferson Tenório nos subtítulos seguintes.

Intersecção entre gênero e classe social nos romances de Jeferson Tenório

As mulheres brasileiras padecem, ainda no século XXI, do sexismo e dos problemas pertinentes à classe social, no caso da classe trabalhadora, e de raça, tratando-se do racismo contra mulheres negras. Nas obras de Jeferson Tenório, é possível fazer essa análise a partir da narrativa das personagens Verônica, Estela, Dinorah e Alice, em *O beijo na parede*, e Juliana, em *O avesso da pele*. Foi feita a análise priorizando essas personagens, tendo em vista que são aquelas em que há uma especificação de seu status social, que são brancas ou que não há uma especificação da cor, já que sobre mulheres negras trataremos no próximo subtítulo.

Além disso, para uma melhor realização deste capítulo, será introduzida a perspectiva teórica sobre gênero e classe e a intersecção desses componentes para a compreensão dessa relação nas obras literárias de Jeferson Tenório. Por essa razão, ao falar sobre a relação existente entre essas esferas, Piscitelli (2012, p. 199-202 *apud* Ferreira; Nunes, 2019, p. 6) afirma que

[...] a categoria “interseccionalidade” [...] alude à multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero, permeiam o social. [...] Segundo Crenshaw, as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcado. Essa noção de interação entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de

superposição de opressões. Por exemplo, a ideia de que uma mulher negra é duplamente oprimida.

Assim, é possível compreender que há uma convergência entre gênero, classe e raça, inclusive ressaltando problemáticas de opressão, como no caso das mulheres pobres (gênero e classe) e das mulheres negras (gênero e raça); e, quando essas últimas também são pobres, há uma situação que acarreta, para elas, uma posição de marginalização e opressão em todos os ambientes, sejam eles: familiar, trabalhista, educacional, de saúde, de relações afetivas, entre outros. De acordo com Ferreira e Costa (2019), gênero é uma concepção biológica, binária e que se configura como uma construção social e cultural.

Reafirmando essa mesma linha, Saffioti (2015) aponta que o gênero é estruturante da sociedade da mesma forma que a classe social e a raça/etnia. Por isso, compreendeu-se que gênero é uma construção social que delimita o que cada sexo irá fazer na sociedade. Para Follador (2009), não é algo que dependa da questão biológica, já que uma pessoa pode ter determinado sexo e “adotar” um outro gênero diferente do sexo biológico com o qual nasceu. Por essa razão é que a última formulação possibilitou a inserção, nesse capítulo, da personagem Verônica de *O beijo na parede*.

Verônica é uma travesti, inserida em um cortiço de Porto Alegre, que encontra na prostituição uma forma de sobreviver, cuidar da mãe e manter a sua imagem feminina. No entanto, o sonho dela é mudar de sexo, mas é evidente, a partir de sua condição financeira, que ela não consegue realizar esse sonho: “Verônica não conseguiu o empréstimo no banco, então estava um pouco chateada porque não ia mais poder colocar peitos novos e nem ia poder trocar o seu sexo” (Tenório, 2020, p. 77).

Além dos problemas de gênero que permeiam a mulher cis, os que envolvem a mulher trans são bem mais complexos. Verônica, assim como várias travestis do Brasil, precisou se inserir na prostituição pela falta de oportunidade de inserção no mercado de trabalho; ademais, teve que lidar com os preconceitos pela identificação de um novo gênero, como é o caso da mãe dela, que não a aceita. A respeito das classes sociais, Saffioti (2015, p. 120) declara:

Sendo as classes sociais propriamente ditas um fenômeno inextricavelmente ligado ao capitalismo e, mais propriamente, à constituição da determinação industrial deste modo de produção, ou seja, à Revolução Industrial. Se, como sistema econômico, ele teve início no século XVI, só se torna um verdadeiro modo de produção com a constituição de sua dimensão industrial, no século XVIII. Quando se consideram os embriões de classe, pode-se retroceder às sociedades escravocratas antigas. Mesmo neste caso, as classes sociais têm uma história muito mais curta que o gênero.

Como Saffioti (2015) menciona, o gênero é uma formulação bem antiga, já a ideia de classe social é algo que a Revolução Industrial e o sistema econômico capitalista solidificaram, separando, assim, as pessoas com base na questão econômica que, como já foi mencionado, ao se interligar com o gênero e a raça, sobrepõem-se os problemas. A socióloga também afirma que

[...] o patriarcado serve a interesses dos grupos/classes dominantes (Saffioti, 1969, 1987) e que o sexismo não é meramente um preconceito, sendo também o poder de agir de acordo com ele (Johnson). No que tange ao sexismo, o portador de preconceito está, pois, investido de poder, ou seja, habilitado pela sociedade a tratar legitimamente as pessoas sobre quem recai o preconceito da maneira como este as retrata. Em outras palavras, os preconceituosos – e este fenômeno não é individual, mas social – estão autorizados a discriminar categorias sociais, marginalizando-as do convívio social comum, só lhes permitindo uma integração subordinada, seja em certos grupos, seja na sociedade como um todo (Saffioti, 2015, p. 131).

Assim, somada ao poder capitalista, a sociedade patriarcal subordina mulheres pobres a situações desumanas para conseguirem sobreviver. É nesse contexto que se encontra Estela, personagem de *O beijo na parede*. Estela é uma jovem que, por conta das necessidades econômicas, desiste do sonho de estudar Direito para trabalhar na prostituição como forma de “juntar dinheiro e conseguir a guarda do filho porque o ex-marido era um filho da puta sem tamanho e botou ela na justiça” (Tenório, 2020, p. 56). A representação de Estela como mãe é importante para desmistificar, inclusive, a concepção criada a respeito das prostitutas, pois Follador (2009, p. 7) admite que elas eram consideradas “um ‘anti-modelo’ da mulher-mãe, apesar de os homens os quais elaboravam tais modelos a considerarem como um ‘mal necessário’”. Assim, na edificação de um exemplo ideal de mulher, as desviantes seriam associadas à imagem da prostituta”. Essa concepção influenciou o pensamento ocidental contemporâneo, inclusive na área jurídica, questionando o papel dessas mulheres como mães e deixando-as sem a guarda e o contato com os filhos, como é o caso de Estela.

Na mesma linha de Estela, encontra-se Dinorah; no entanto, esta, já uma ex-prostituta por conta da idade, representa essa categoria que, ao deixar de trabalhar, passa por necessidades e não tem uma velhice digna. Dona Dinorah passa a trabalhar nesse ramo, tendo em vista que “Para criar cinco filhos é preciso lutar com o que se tem. Dona Dinorah só tinha o corpo” (Tenório, 2020, p. 69). Nesse caso, admite-se a ideia de Follador (2009), para quem a prostituição era e é em muitos casos a única maneira de algumas mulheres pobres e marginalizadas sobreviverem e sustentarem a família. Essa posição dialoga com Azeredo (2010, p. 583) quando trata do papel das mulheres nas famílias pobres:

As condições de vulnerabilidade se acentuam não só pelo lugar da mulher na família, mas também pela família de determinado lugar. Importa pensar a dimensão geográfica da pobreza e o quanto isso recai sobre as famílias e mais especificamente sobre as mulheres.

Principalmente em *O beijo na parede*, é possível observar o protagonismo feminino e o quanto essas personagens em um contexto de pobreza extrema se refazem para conseguir manter economicamente a família e inclusive, os vizinhos, pois em determinados momentos Estela e Verônica se ajudam mutuamente e ajudam seu Ramiro. Em contrapartida a essa vulnerabilidade, Alice assume na narrativa um caráter distinto por ser uma mulher branca e rica – portanto, diversa das outras aqui apontadas. O narrador a descreveu como uma mulher, com uma boa casa, marido e filhos que tentou ajudar o protagonista João em sua situação de descaso. No entanto, isso não se concretizou pelo próprio temor do protagonista.

Por fim, há Juliana, em *O avesso da pele*, uma mulher branca que serviu como salvo-conduto de Henrique. Essa personagem serviu para demonstrar o quanto a questão de raça ainda se sobrepõe ao gênero e até pode influenciar na questão de classe, pois a família de Juliana não era rica – entende-se que era de classe média –; contudo, quando adentrava em certos espaços com Henrique, ela mudava toda a perspectiva que as pessoas tinham a respeito desse homem negro. Conforme visto no excerto seguinte,

Quando você entrava sozinho numa loja e recebia um tratamento frio e desconfiado por ser negro, se dava conta de que, quando Juliana entrava e te beijava, os vendedores te tratavam melhor. *Uma mulher branca com um negro, ele deve ser um bom homem* (Tenório, 2020, p. 30).

Dessa forma, notou-se que Juliana representa a estrutura social na qual Hooks (2014, p. 89) admite haver diferença ao tratar das mulheres negras:

Apesar de ambos serem sujeitos à vitimização sexista, como vítimas de racismo as mulheres negras foram sujeitas a opressões que nenhuma mulher branca foi forçada a suportar. De facto, o imperialismo racial branco garantiu a todas as mulheres brancas, embora vitimizadas pela opressão sexista, o direito em assumir o papel de opressora na relação com as mulheres negras e com os homens negros.

Assim, compreendeu-se que mulheres brancas estão acima de homens negros e de mulheres negras, mesmo sendo inferiorizadas por seu gênero; porém, quando se trata de sua cor, elas prevalecem socialmente por conta do racismo.

Entre violências e estereótipos: a tipificação da mulher negra na sociedade porto-alegrense na narrativa de Jeferson Tenório

É necessário destacar que, nas duas obras de Jeferson Tenório, há uma variedade de personagens femininas; entretanto, nem sempre exploradas igualmente – às vezes sendo mencionadas em apenas uma situação. Por conta disso, de tal modo, aqui também foram priorizadas personagens negras que têm um papel mais recorrente durante a narrativa.

No romance *O avesso da pele*, há três personagens negras que recebem um certo destaque: Martha, Luara e Saharienne. Já na obra *O beijo na parede*, apenas a mãe de João e a mãe de santo são personagens identificadas pela cor da pele e que ganham certa visibilidade na narrativa. No entanto, a Mãe Teresa, mãe de santo, não é caracterizada ou tipificada na obra. Sabendo disso, dar-se-á, respectivamente, a análise sobre a forma como essas personagens são caracterizadas e apresentadas.

Martha, mulher de Henrique – o protagonista da narrativa – e mãe de Pedro – o narrador – é uma das personagens mais complexas da obra. As diversas situações que ocorrem com ela durante a sua vida fazem-na questionar, inclusive, sobre o papel do Movimento da Negritude. Essa personagem já inicia sua vida de uma forma trágica, sendo órfã e abandonada pela família, e encontrando, na adoção feita por Madalena, uma esperança de sobrevivência.

É inclusive dentro dessa nova família que Martha percebe o seu lugar enquanto mulher negra, ainda na adolescência.

Minha mãe, a princípio, não entendeu por que falara aquilo com tanta ênfase e passou o dia pensando naquela palavra “negra”. Antes, ela era Martha ou Marthinha. Agora, depois de uma simples pergunta, ela passa a ser Martha e negra. A pele fora nomeada, a existência ganhara sobrenome (Tenório, 2020, p. 54).

Depois desse episódio em que Flora questiona sobre a diferença de cor entre ela e a irmã adotiva, Martha começa a notar as situações que ocorrem posteriormente com ela. A partir desse trecho, já é possível compreender que a mulher negra, independentemente de sua idade, convive com os diversos discursos construídos para a inferiorizar, como pontua Kilomba (2019) ao dizer que o racismo é construído a partir da ideia de diferença, de que o negro é diferente do branco e, além disso, é inferior, sendo estigmatizado com valores de desonra.

Com isso, é possível perceber que a sociedade reforça esse tipo de perspectiva quando acontecem casos de racismo, assédio, violência e até mesmo homicídio. Um exemplo na obra é a forma com que Martha é tratada quando está na praia com a família, aos treze anos de idade, e é assediada sexualmente por um homem mais velho que a chama de “mulatinha gostosa”. Sobre essa expressão, Gonzalez (2020, p. 51) reitera:

De um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Atualmente, o significante mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: “produto de exportação”. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional.

Assim, os discursos utilizados principalmente nesses contextos urbanos que Gonzalez (2020) traz, como o uso do termo “mulata”, adquirem um novo significado, sendo que este traz mais um estereótipo sobre a mulher preta, a sexualização do corpo e a sua identificação como objeto de consumo do homem branco. Sobre essa problemática, Luara, tia de Pedro e irmã de Henrique, tinha completa ciência, como notado no trecho abaixo:

Ela nunca teve um namorado branco. Na verdade, poucos homens brancos olhavam para ela. E, quando percebeu que isso era devido a sua pele retinta, quando notou que os homens brancos não gostavam do cabelo dela, quando entendeu que ela só servia como fetiche sexual, Luara passou a rebater o mundo branco sempre que podia (Tenório, 2020, p. 32).

Com esse discernimento, Luara não aceita o relacionamento inter-racial entre o irmão e Juliana, questionando essa posição de a mulher branca ser a prioridade para ser assumida em relacionamentos tanto com homens brancos quanto com homens negros, servindo,

inclusive, como salvo-conduto nessa relação. Ademais, um outro aspecto que foi observado é a questão do colorismo, visto que o fato de Luara ser uma mulher de pele retinta em um ambiente dominado por pessoas brancas evidenciou ainda mais os estereótipos sexuais e a comparação do que é belo, ressaltando a cor negra e os cabelos crespos como inferiores. Sobre as violências e estereótipos ligados ao cabelo, a psicóloga, Grada Kilomba (2019, p. 126) assevera:

Historicamente, o cabelo único das pessoas negras foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude e usado para justificar a subordinação de africanas e africanos (Banks, 2000; Byrd e Tharps, 2001; Mercer, 1994). Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos da negritude”.

Outra personagem que discursou sobre essa problemática foi Saharienne. A personagem exerceu uma figura de militância e questionamento quanto às vivências dos sujeitos negros e foi uma paixão de Pedro. Saharienne não é uma personagem que passa por situações como a das outras personagens; todavia, ela reflete sobre essa problemática ao dizer que mulheres negras passam por um processo de aceitação do próprio corpo e cabelo (Tenório, 2020). Esse discurso da personagem vai ao encontro do que foi falado anteriormente pela psicóloga, pois, diante de uma sociedade racista e sexista, a mulher negra precisa passar por um doloroso processo para se aceitar e não aceitar o que a sociedade impõe e diz sobre ela.

A respeito das violências, a personagem Martha, em seu primeiro relacionamento com um homem branco, Vítor, passou por diversas situações de violência verbal e física; inclusive, foi vista como empregada pela própria sogra, realizando todos os serviços domésticos da sua casa e da casa dos sogros. Além da atitude de colocar a nora “negra” nessa posição de servidão, a sogra ainda justificava isso ao dizer: “Uma moreninha forte igual a você pode ajudar bastante” (Tenório, 2020, p. 79). A perspectiva da mulher negra como doméstica é resquício do período escravista. Gonzalez (2020) vai dizer, inclusive, que, além da qualificação de mulata, outra qualificação que a mulher negra recebe é a de doméstica, servindo, dessa forma, para realizar todos os trabalhos manuais necessários, além de cuidar dos filhos das patroas.

Já sobre as violências, Saffioti (2015, p. 79) aponta que “As violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente. Certamente, se pode afirmar o mesmo para a moral”. Sabendo disso, as violências vivenciadas por Martha iniciam no âmbito emocional e moral e concretizam-se na violência física. Isso acontece, por exemplo, ao ser

constantemente acusada de ser “puta”, mesmo sendo virgem quando se relacionou com o namorado, e de ser alguém sem moral, consoante ao observado no trecho a seguir:

Após alguns minutos ela tomou coragem e perguntou: por que você está falando desse jeito comigo, Vítor, o que foi que houve? Não houve nada, porra, ele gritou. Depois, pegando uma lata de cerveja, ele deu uma boa olhada na minha mãe e perguntou onde ela havia aprendido aquilo. Aprendido o quê?, ela quis saber. Aprendido a trepar como uma puta, ele disse. Porque nunca vi uma moça virgem gemer daquele jeito na cama, mexer daquele jeito, onde você aprendeu isso, sua piranha?, ele perguntava com os olhos estalados. Meu pai bem que me avisou que as pretas não prestam. Ao ouvir isso, minha mãe levantou os olhos e disse que aquilo já era demais, disse que ia embora. Foi então que Vítor segurou-a com força pelos cabelos. Minha mãe tentou desvencilhar-se. E pela primeira vez minha mãe levou um tapa no rosto (Tenório, 2020, p. 100).

A perspectiva do negro como alguém sem moral não é nova: basta olharmos para as literaturas, novelas e episódios televisivos, como os de *reality shows*, em que o negro foi sempre construído como o “vilão” ou o “errado”. Por exemplo, cita-se o caso de Karol Conká, que foi “cancelada” nacionalmente na internet, enquanto homens e mulheres brancas agiram da mesma forma e não foram atacados. Retomando o trecho citado da narrativa, Martha passou pelas agressões moral e física também para reafirmar esse papel masculino branco de poder sobre a mulher negra, o que nos lembra o histórico de mulheres africanas escravizadas, as quais foram exploradas por senhores brancos. E, para reafirmar a questão da moral, a sogra de Martha, Maria, traz em seu discurso mais uma violência, a de que a nora, assim como todas as pretas, é imoral e barulhenta no sexo:

Certa vez, dona Maria chamou-lhes a atenção por causa dos barulhos noturnos e disse que ali era uma casa de respeito e não um puteiro, que, se minha mãe estava acostumada a gritar daquele jeito quando andava perdida por aí, que ali tinha que respeitar, porque eles eram cristãos, iam à igreja e zelavam pela moral, lá tinha ouvido que as pretas eram assim, mas assim já é demais, comentou dona Maria com o marido certa vez, antes de irem dormir (Tenório, 2020, p. 79).

Considerando essa visão da mulher negra como imoral, Davis (2016) reitera que Calvin Hernton difundiu a teoria de que, durante a escravidão, a mulher negra desenvolveu um conceito depreciativo sobre si mesma, o que a tornou, conseqüentemente, promíscua e fácil, sendo ela “disponível” para qualquer um. Davis (2016, p. 192) ainda destacou que “Essas agressões têm sido ideologicamente sancionadas por políticos, intelectuais e jornalistas, bem como por literatos que com frequência retratam as mulheres negras como promíscuas e imorais”.

Partimos, agora, para a análise da única personagem mencionada como negra e estereotipada de *O beijo na parede*, a mãe de João, que, inclusive, não tem seu nome mencionado. A mãe de João é descrita como alguém de cabelos crespos, que era a explicação para João não ser branco como o pai e sua parte da família. Além disso, ela trabalhava como caixa de supermercado, como aponta o trecho: “Minha mãe vinha sempre cansada. Ela era caixa de supermercado na Rua Siqueira Campos” (Tenório, 2020, p. 11). Essa personagem é

um retrato social de muitas mães e mulheres negras brasileiras que vivem em situações de desgaste físico, psicológico e emocional. Neste sentido, Gonzalez (2020, p. 175) asseverou que:

A maior concentração da força de trabalho feminina ocorre nos setores de prestação de serviços, social e de comércio de mercadorias (empregadas domésticas, professoras, enfermeiras, balconistas), ampliados em consequência da industrialização e da modernização. Mas a maioria das mulheres negras (69%) trabalha na agricultura e na prestação de serviços. Isso significa que as atividades sociais e o comércio absorvem principalmente as mulheres brancas (30% para 16% de negras).

A partir dos dados mencionados por Gonzalez (2020), é possível observar que a mãe do narrador, enquanto mulher negra, encaixa-se nesse grupo, com uma profissão desgastante e mal remunerada. Somada a isso, a situação do seu matrimônio gerou nela uma tristeza profunda: “[...] volta e meia eu pegava minha mãe chorando pelos cantos. Eu sabia que era por causa do meu pai. Ele não parava muito em casa, chegava sempre tarde, cheio de trago. Foi nesse tempo que minha mãe começou a perder a memória” (Tenório, 2020, p. 13).

Foi a partir dessa situação de perda de memória que ela começou a ser vista como “louca”, inclusive quando foi diagnosticada com câncer e até depois de sua morte. Mas é perceptível que a junção do desgaste físico e emocional a levou a um estado de tristeza, junto com o câncer, que justifica a amnésia. No entanto, esse contexto é anulado diante do estereótipo da mulher negra “louca”: “Disse que eu estava doente. Que eu precisava de um psiquiatra, tomar uns remédios para não ficar biruta igual a minha mãe. E ainda disse que era uma doença hereditária” (Tenório, 2020, p. 22). Esse tipo de descrição sobre a mulher negra, desconsiderando os seus problemas emocionais e já as caracterizando como “loucas” foi mencionado por Hooks (2019, p. 101), consoante ao excerto que segue:

Sujeitas negras radicais são constantemente rotuladas como loucas por aqueles que desejam minar seu poder pessoal e sua habilidade de influenciar os outros. O medo de ser vista como louca pode ser um fator importante que impede as mulheres negras de expressarem suas identidades mais radicais.

Portanto, pode-se constatar, a partir do pensamento da filósofa, que mulheres negras são duramente estereotipadas, até mesmo quando estão doentes ou expressando suas opiniões ou emoções, sendo isso uma construção social sobre o sujeito preto como forma de animalizá-lo ou anular os seus sofrimentos.

Considerações finais

Este estudo buscou apresentar as intersecções entre gênero, classe e raça e a forma de representação da mulher contemporânea em ambientes urbanos, neste caso, em específico, na Porto Alegre dos romances de Jeferson Tenório. Os resultados aqui encontrados demonstram aspectos sociais como a violência, a desigualdade, a pobreza, a marginalização e

os estereótipos dentro das obras *O avesso da pele* (2020) e *O beijo na parede* (2020), do autor negro contemporâneo.

Assim, foi apresentada a condição dessa mulher contemporânea e as problemáticas referidas a ela, como a violência e as formas de opressão. Em seguida, procurou-se relatar a intersecção entre gênero e classe social para demonstrar a condição da mulher pobre em contextos urbanos e, por fim, foram ressaltadas as problemáticas persistentes à mulher negra, que tem o acréscimo da raça – racismo – nesses componentes de intersecção.

Também foi destacada a opressão sexual que a mulher vivencia na sociedade. Com base nos textos de Jeferson Tenório, é possível notar a sexualização criada a respeito do corpo feminino, até mesmo quando esse ainda é de uma criança. Além disso, a mulher negra é demonizada socialmente como permissiva, experiente, insaciável e imoral, tendo o seu caráter e suas escolhas questionados.

Ademais, as perspectivas criadas socialmente da mulher como louca, burra, dramática e exagerada também foram apresentadas na pesquisa, levando em consideração a mãe de João, que foi vista como “louca” pela forma como reagiu às violências emocionais dentro de seu relacionamento amoroso, interligado com seu problema de saúde. Dessa forma, é perceptível que, quando uma mulher, principalmente negra, relata seus sentimentos e opiniões, é invalidada com fundamento nesses argumentos.

Descreveu-se, dessa forma, os resultados obtidos por meio do estudo bibliográfico dos romances citados acima e de livros e artigos como aporte teórico para reafirmar o que aqui foi analisado. Os textos de Jeferson Tenório contemplam a problemática feminina nas diversas relações, sejam elas familiares, trabalhistas ou amorosas. Fica evidente, a partir da análise das obras, a preocupação em denunciar e criticar as estruturas que propagam e reafirmam o sexismo, o classicismo e o racismo.

Sendo assim, essas obras abrem um leque de possibilidades para destrinchar, a começar da temática de gênero, as questões de definição de gênero na sociedade, a influência do patriarcado, a sexualização da mulher, a solidão da mulher negra, as questões da prostituição e dos meios de trabalho, entre tantas outras possibilidades que são oferecidas alicerçadas nas leituras das duas obras tanto em conjunto como separadas. Espera-se, portanto, que esta pesquisa seja usada para um aprofundamento no tema aqui abordado para que a sociedade – e principalmente o meio acadêmico – questionem as imposições da sociedade sexista.

Referências

AZEREDO, V. G. Entre paredes e redes: o lugar da mulher nas famílias pobres. *Serv. Soc. Soc.*, n. 103, p. 576-590, 2010.

BALISA, F. F.; DAVID, N. A. A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo. *Litterata*, vol. 7, n. 1, p. 72-82, 2017.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, C. A. A.; NUNES, S. M. Mulheres negras no mercado de trabalho: interseccionalidade entre gênero, raça e classe social. *In: Encontro da ANPAD – EnANPAD*, 43., 2019, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: ANPAD, 2019. p. 1-16.

FOLLADOR, K. J. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. *Revista fato&versões*, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

GONZALEZ, L. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, S. “The Spectacle of the ‘Other’”. *In: HALL, S. (Ed.). Representations. Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage and the Open University, 1997. p. 223-279.

Hooks, B. *E eu não sou uma mulher: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Tradução livre para a plataforma Gueto, 2014.

Hooks, B. *Olhares negros: raça e representação*. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismos cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LERNER, G. *A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix Editora, 2019.

SAFFIOTI, H. *Gênero patriarcado violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

SILVA, C. F. C. Mulheres, Discurso e Sociedade: uma análise sobre a representação das mulheres na mídia impressa. *Revista Discente Planície Científica*, v. 3, n. 2, p. 27-42, 2021.

TENÓRIO, J. *O Avesso da Pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TENÓRIO, J. *O beijo na parede*. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

Recebido em: 07/09/2023.

Aceito em: 19/12/2023.